



Morte e Vida Severina: uma trilha contemporânea inspirada na narrativa poética de João Cabral de Melo Neto – Homem, paisagem e transformação Livro-reportagem: Capibaribe – Mesmo Rio: Outra Gente¹

Elaine ORTIZ²

Fabíola Perez CORRÊA³

Cicélia Batista PINCER⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Inspirado na obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina: Auto de Natal Pernambucano*, o projeto teve por objetivo estudar os elementos e o contexto histórico sob o qual foi pensado o jornalismo literário, com vistas à produção do livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo Rio: Outra Gente*. Para tanto, a revisão bibliográfica abordou estudos sobre narrativas de viagem – como possibilidade de obtenção da perspectiva *in loco* –, a estética da recepção – como participação do receptor frente ao processo narrativo –, e a gênese do *New Journalism* – como recurso estilístico. A pesquisa etnográfica e o método histórias de vida foram adotados como suportes metodológicos. O trabalho permitiu concluir que a estética literária oferece possibilidades para a produção de uma narrativa jornalística contemporânea aprofundada, na medida em que respeita o tempo de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Livro-reportagem; Morte e Vida Severina; Narrativas de Viagem.

INTRODUÇÃO

O livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo Rio: Outra Gente* surge a fim de narrar histórias do cotidiano dos habitantes que vivem nas regiões interceptadas pelo rio Capibaribe, no estado de Pernambuco. O referido rio já foi mote de inúmeras produções culturais, dentre elas, *Morte e Vida Severina: Auto de Natal Pernambucano* - obra poética mais popular de João Cabral de Melo Neto. O poema retrata a história de Severino, que a fim de chegar ao Litoral tem o rio Capibaribe como guia. No entanto, na descida, o personagem-protagonista só encontra morte no caminho e quando finalmente chega a Recife nota que seus esforços haviam sido nulos, pois, para ele, não havia meios de escapar

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Jornalista graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-graduanda em Jornalismo Cultural, email: ortizelaine@terra.com.br.

³ Jornalista graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-graduanda em Jornalismo Político, email: fabiolaperez_101@yahoo.com.br.

⁴ Professora Mestre da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientadora do trabalho, email: cicelia@mackenzie.br.



da vida severina. A saga do personagem termina com o nascimento de uma criança – a esperança então ressurgue.

No decorrer da estrutura dramática do poema Severino-personagem se transforma em adjetivo, passando a classificar a vida e a condição dos retirantes nordestinos em símbolo de miséria que, de tão concreta, despersonaliza o homem transformando-o em apenas mais um dentre tantos, *são iguais em tudo e na vida*. “A pobreza corrói o nome próprio assim como a subjetividade individual” (PEIXOTO, 1983, p.90). O personagem trazido e criado por João Cabral de Melo Neto vivencia e apresenta ao leitor cenários, cotidianos e ações característicos do nordeste brasileiro das décadas de 1940 a 1960. Com uma distância de 55 anos, o mesmo personagem pernambucano constrói um novo cenário em acordo às características intrínsecas ao seu tempo.

O livro-reportagem *Capibaribe - Mesmo rio: Outra Gente* narra as histórias de vida de forma a dar identidade aos personagens reais encontrados no trajeto, utilizando para isso, as ferramentas e as técnicas oferecidas pela atividade jornalística a partir de discussões em torno de seus distintos gêneros. Portanto, para o objetivo definido, vislumbrou-se o livro-reportagem como o formato mais apropriado, já que é capaz de reunir as técnicas do novo jornalismo e se constituir como o meio mais adequado para a exposição de uma narrativa sólida, em profundidade e coesa, estruturada a partir da observação cotidiana.

Nesse sentido, o jornalismo foi exercido como possibilidade literária de composição de uma narrativa híbrida, capaz de resgatar a vivência do mesmo personagem cabralino – o nordestino pernambucano – em um novo contexto. É o que o leitor vai encontrar ao longo das 193 páginas do livro-reportagem. Vivências e experiências de Severinos substantivos não adjetivos, contadas sob uma construção jornalística literária, na medida em que recursos narrativos e descritivos, incompatíveis com a pragmática jornalística, foram utilizados na constituição do texto.

Para a concepção do livro-reportagem foi desenvolvido o projeto Morte e Vida Severina: uma trilha contemporânea inspirada na narrativa poética de João Cabral de Melo Neto – Homem, paisagem e transformação. Nele, além da contextualização das características formadoras do estilo de João Cabral, aproximando-as do ideal de narrativa proposto pelo teórico da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, foram estudados seis eixos teóricos que abrangeram discussões a partir do tripé: jornalismo literário, narrativas de viagem e estética da recepção. Ao longo dos anos, as áreas do conhecimento que se constituem a partir da tentativa de representação social – como o jornalismo e a literatura –, também se reconfiguraram, transformando e adaptando as relações cotidianas. Assim, a



pesquisa buscou resgatar o papel do narrador-observador como elemento fundamental para a construção de uma narrativa viva e experimentada.

2. OBJETIVOS

Para a viabilização do livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo rio: outra gente fez-se* necessário pensar o jornalismo como uma possibilidade de narrativa híbrida – isto é, construída a partir da observação e captação da realidade, da percepção *in loco*⁵ e da união do estilo informativo, característico da atividade jornalística, ao literário. Desse modo, chegou-se a seguinte problemática: como a obra ficcional, *Morte e Vida Severina*, pode inspirar a construção de uma narrativa jornalística contemporânea?

Assim, pensando no Severino adjetivo caracterizado por Cabral, o projeto teve como objetivo geral refazer o caminho trilhado pelo personagem para então construir ao longo das páginas de um livro-reportagem uma narrativa acerca das histórias de vida das pessoas que habitam as regiões interceptadas pelo rio Capibaribe, em Pernambuco, de forma a dar identidade aos personagens reais encontrados ao longo do trajeto, utilizando para isso, as possibilidades oferecidas pelo gênero literário de jornalismo e pelas narrativas de viagens.

Tendo como objeto de pesquisa definido o poema de João Cabral de Melo Neto, os personagens reais da região do Capibaribe e a atuação do narrador-jornalista no contexto atual, colocaram-se os seguintes objetivos específicos: a) estudar os conceitos históricos e recursos estilísticos do jornalismo literário, das narrativas de viagens e como se constituíram ao longo do tempo; b) conhecer aspectos principais da obra do poeta João Cabral de Melo Neto; c) levantar dados e informações sobre as características sócio-geográficas da região Nordeste e do estado de Pernambuco.

3. JUSTIFICATIVA

O projeto de pesquisa coloca em debate determinadas questões-chave, como: o pensamento e a produção jornalístico-cultural do século XX e XXI, a hibridização do discurso jornalístico e, por fim, a relevância do relato de cenas cotidianas por meio do olhar-testemunho do narrador-jornalista. Estas questões encontram seu ponto de convergência no momento em que Severino, de adjetivação apresentada no poema *Morte e*

⁵ A observação e captação da realidade podem ser devidamente trabalhadas por meio das narrativas de viagem, já que funcionam como o meio que melhor contempla a interação e vivência dos viajantes em realidades distintas das que estão habituados a experimentar.



Vida Severina, ganha face transformando-se em substantivo no livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo rio: outra gente*.

Para João Cabral de Melo Neto, a poesia é uma forma de exercer a crítica, por isso a admiração do autor pela poesia concreta. Em contrapartida, o jornalismo moderno, por ter como fundamento o compromisso direto com o factual, se apresenta como ferramenta mais eficiente para a tarefa⁶, considerando que, ao reportar um evento presenciado, é capaz de se aproximar mais do real, já que esse é seu objetivo. Portanto, abordar e discutir o jornalismo e a possibilidade literária para a composição de uma narrativa híbrida é desafiante, na medida em que resgata pontos-de-vista clássicos e pós-modernos acerca das narrativas.

Dessa forma, em um contexto global, a contemporaneidade se encarrega de transformar o lugar onde se configuram as relações, debates e discussões sociais emergindo, dessa maneira, um novo suporte que se caracteriza como lugar simbólico para as relações sociais. É nesse sentido que a narrativa pode ser tomada como forma de representação coletiva, como elemento criador e recriador de sociabilidades. A atividade jornalística encontra seu papel nessa discussão a partir do momento que se vale de possibilidades narrativas para compor seu discurso.

De acordo com a perspectiva do crítico Walter Benjamin (apud RESENDE, 2002, p.10), adequada à configuração de um determinado período histórico-social⁷, a narrativa tradicional jornalística não oferece espaço às histórias contadas, assim a prática de intercambiar as experiências cotidianas torna-se cada vez mais precária. Benjamin considera que com a intensificação e a solidificação do sistema capitalista a sociedade passa a protagonizar o início de um novo período e a experimentar em seu cotidiano as modificações sociais decorrentes. No jornalismo, nota-se a preponderância do gênero informativo em detrimento dos textos mais elaborados. Deste modo, imbuído da função informativa, o fazer jornalístico abandona gradativamente a riqueza e o caráter detalhista da narração. É a partir deste cenário que se torna válido apresentar a relação e a contribuição mútua entre jornalismo e literatura. As duas áreas do conhecimento se utilizam do trabalho do narrador para composição de seus discursos. Segundo Manuel Rivas, (apud Castro e Galeano, 2005, p.80), o jornalismo e literatura se assemelham como ofício.

⁶ Exceto pela experiência do realismo socialista, a poesia não tem como objetivo principal o retrato fiel da realidade. O próprio João Cabral de Melo Neto declarava que antes de conhecer a poesia de Carlos Drummond de Andrade julgava-se incapaz de fazer poesia, aproximando-se mais da crítica em prosa. (COUTO, 1994, p.7).

⁷ Como deixa clara no texto *O Narrador* (1992), Walter Benjamin adequa sua crítica ao papel do narrador de acordo com cada período e cada particularidade que nele se insere.



Deste diálogo, entre jornalismo e literatura, emerge a figura do narrador como ponto de convergência entre ambas as atividades. A literatura contribui para a narração jornalística emprestando seus recursos estilísticos e, por sua vez, a atividade jornalística confere visibilidade e notoriedade ao que está sendo contado. Nesse sentido, como alternativa à sofisticação e aprofundamento da produção jornalística surge o denominado *New Journalism* – gênero sob o qual se notabilizaram novas reportagens, propensas a abordar o interesse humano em todas as suas faces. No entanto, mesmo com todas essas mudanças surgidas durante a década de 1960, é apenas com a chegada do livro-reportagem que os literatos passam a rever o jornalismo. A fonte narrativa dos jornalistas que incorporaram o gênero foi a estética literária do realismo social, colocada em prática a partir de quatro recursos técnicos próprios: o ponto de vista, o registro fiel dos traços cotidianos, a descrição e o diálogo entre personagens. Deste período, destacam-se as principais técnicas literárias apontadas por Tom Wolfe.

A partir dos anos 1980, a orientação mercadológica se sobressai como característica dominante em todos os âmbitos sociais. O mercado, de forma geral, passa a ocupar o lugar central na definição das relações de uma nova esfera pública, que se redesenha de acordo com as novas demandas e fluxos globais. A atividade jornalística não foi exceção às mudanças globais. Tomou-se como objetivo o alcance de uma produção efêmera destinada a saciar o consumo momentâneo do público leitor. Mesmo em um contexto de valorização do indivíduo e enfraquecimento dos laços sociais, a atividade jornalística continua se servindo do tecido social como matéria-prima para suas narrativas, tornando-a, conseqüentemente, um produto de seu tempo.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A *pesquisa etnográfica* permitiu a imersão dos pesquisadores na realidade dos personagens e foi utilizada por se tratar do método mais eficaz para a realização da *observação atenta participante* - tipo de estudo que possibilita o envolvimento com o objeto de pesquisa, e em alguns casos, tornando-se parte dele.

A *imersão* do observador no cenário relatado aliada à *observação atenta* foram os métodos das ciências da comunicação que ofereceram subsídios suficientes para a produção de uma narrativa jornalística acerca do cotidiano dos habitantes que vivem nas regiões do rio Capibaribe, em Pernambuco. Tais conceitos foram colocados em prática a partir da proposta etnográfica de refazer o caminho trilhado pelo protagonista de *Morte e Vida Severina*. O aspecto que une todas essas regiões pernambucanas é a trilha do rio – composta



por 250 quilômetros –, porém, ainda que unidas pelo leito, as referidas regiões apresentam diferenças na paisagem geográfica que são responsáveis por determinar o modo de vida dos habitantes de cada uma das paisagens existentes (agreste, zona da mata e litoral).

Seguindo o curso do rio, o método de investigação *histórias de vida*, tal como definido por Jorge Pedro Sousa (2006, p.734) auxiliou na coleta de posicionamento, atitudes, pontos de vista, valores, comportamentos e papéis sociais das pessoas em função daquilo que foi/é a sua vida. O personagem, o ambiente e a observação atenta constituíram as principais fontes de informação e para suprir possíveis problemas relacionados a imprecisões ou falhas de memória do investigador, foi realizado o cruzamento de dados obtidos a partir da coleta de depoimentos distintos. A fiabilidade nas observações foi ainda assegurada na medida em que dois pesquisadores observaram diretamente o mesmo fenômeno comparando posteriormente, a partir dos diários de viagem individuais, os resultados (*validação contrastada*). As mais de 1.140 fotografias capturadas serviram também como método de recordação dos ambientes, colaborando nos elementos descritivos existentes na narrativa produzida. As *pesquisas bibliográfica e documental* se mostraram como ferramentas essenciais para fornecer embasamento teórico do ambiente observado.

Para inquirir os personagens da região do Capibaribe foram realizadas *entrevistas em profundidade*. Para tanto, partiu-se de núcleos temáticos desenvolvidos metodologicamente e aplicados de maneira semelhante aos inquiridos de cada uma das regiões compreendidas pelo rio. Apesar da unidade temática as entrevistas foram flexíveis, seguindo o fluxo de conversação, porém conscientes da retomada dos grandes temas já definidos. Por não se utilizar das técnicas do jornalismo tradicional, a experiência vivida foi valorizada em detrimento da *práxis* jornalística, por esse motivo, preocupações com gravações ou anotações literais foram menos importantes diante da metodologia abordada. Também conscientemente nenhuma entrevista foi agendada de maneira prévia. O objetivo não era encontrar os personagens mais curiosos ou de grande destaque, e sim pessoas comuns, imersas em seus próprios cotidianos, o que reforça o intuito de dar face ao Severino generalizado de Cabral.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Da constatação sobre como vive o novo homem nordestino é que o livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo rio: outra gente* retira seu nome. “Mesmo rio”, não no sentido filosófico de transformação constante, mas sim pelo trajeto fixo por ele desenhado, possibilitando, portanto, que o caminho de Severino, ainda que suposto a partir das



indicações na obra de João Cabral, fosse feito 55 anos depois sobre as mesmas cidades, mas se encontrando com “outra gente”.

O livro-reportagem conta com um prefácio responsável por apresentar ao leitor o objetivo do livro. No texto o rio Capibaribe é personificado, transformando-se em mais um Severino do agreste pernambucano por sofrer como eles, a dificuldade dos caminhos tortuosos da descida rumo ao litoral. No prefácio “Quem é e a que vai” as referências ao poema *Morte e Vida Severina* são mais evidentes justamente para colocar ao leitor a inspiração de Cabral no texto jornalístico-literário que se segue. A partir da primeira parte do livro, o leitor imergirá junto do narrador na realidade experimentada pelo jornalista-viajante e, por isso, as referências a João Cabral serão menos presentes.

O primeiro capítulo “O pé de manga do meu quintal” relata a viagem de ônibus acompanhada das primeiras impressões observadas pelo narrador ao sair do campo literário e imergir na realidade. Os primeiros personagens surgem da vivência de 41 horas em um ônibus *Itapemerim* convencional e é desse ambiente que a tendência do fluxo migratório inverso é percebida. Desta constatação, embasada na história de uma família que estava retornando definitivamente a Pernambuco, é que o capítulo foi nomeado. A personagem Dona Maria tinha saudade de sua casa em Frei Miguelinho, onde podia colher mangas em seu quintal. Assim como a senhora, muitos outros nordestinos voltavam para suas cidades em busca de reviver prazeres cotidianos abandonados com a migração.

Nos próximos capítulos “Aqui nasce o rio Capibaribe”, “A princesa do rio” e “A Veneza brasileira”, é que são contadas as histórias de vida dos personagens encontrados em cada município visitado. Os capítulos foram divididos de acordo com o acesso às cidades. Cada um se passa em uma das três regiões que o Capibaribe corta – Agreste, Zona da Mata e Litoral – respectivamente e, por isso, esses três capítulos receberam títulos relacionados à situação do rio em cada região, também para enfatizar que assim como serviu para guiar Severino, o rio aqui, também é fio condutor da narrativa.

Em “Aqui nasce o rio Capibaribe”, o segundo capítulo, enfoca-se a nascente do rio – marca do início da saga de Severino, ainda no agreste pernambucano. O rio Capibaribe nasce em Poção, no sítio do Araçá, o título foi retirado da placa indicativa que se encontra na nascente. No terceiro capítulo, “A princesa do rio”, a Zona da Mata é a região de enfoque. É a partir da cidade de Limoeiro que o Capibaribe passa a ser perene, e é por isso que a cidade ficou conhecida como a princesa do rio. O último capítulo, “A Veneza brasileira”, faz inferência à capital pernambucana – Recife. Nele, o Capibaribe chega ao Litoral finalizando seu percurso ao desembocar no Oceano Atlântico. É na foz do rio que o



livro-reportagem chega ao fim, dando espaço ao posfácio “O meu nome é...”. Servindo-se de uma linguagem menos poética e mais objetiva, é neste espaço que se responde à questão motivadora do trabalho – quem são e como vivem os severinos contemporâneos? A resposta surge acoplada ao olhar do jornalista-viajante e das impressões e declarações que não entraram no texto oficial do livro-reportagem.

A fim de relembrar o leitor da inspiração cabralina, epígrafes retiradas de *Morte e Vida Severina* são responsáveis por abrir cada um dos quatro capítulos do livro-reportagem. Além de trazer às vistas a inspiração, as epígrafes resumem a idéia principal e, sobretudo, a paisagem do capítulo - isto é, localiza geograficamente o leitor a partir das impressões do personagem Severino, de João Cabral, de forma que, uma vez lidas em sequência resumem o percurso do personagem do início ao fim. Os títulos do prefácio e do posfácio são citações diretas do poema – “Quem é a que vai” e “Meu nome é...”, respeitando também a presença de João Cabral em toda a composição do livro-reportagem.

6. CONSIDERAÇÕES

Ao refletir como uma obra poética pode inspirar a construção da narrativa jornalística contemporânea, colocou-se em debate a relevância do ofício jornalístico como um todo. Com o livro-reportagem finalizado pôde-se observar concretamente a união entre a prática jornalística, como esfera de mediação social, os aspectos literários, como produção cultural de um determinado período e ainda, os aspectos sociais, como produção político-humana de uma determinada época.

A primeira etapa foi compreender as características formadoras do estilo de João Cabral de Melo Neto, pois como *Morte e Vida Severina* é a inspiração primeira do trabalho, um entendimento mais aprofundado sobre o autor seria fundamental para que a obra de inspiração também fosse mais bem compreendida. A aproximação do texto cabralino com o ideal de narrativa proposto pelo teórico da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, colaborou para tal compreensão, uma vez que elucidou questões acerca do narrador e das transformações da narrativa paralelamente ao desenvolvimento da sociedade.

Da discussão sobre como as formas narrativas literárias e jornalísticas ensaiam tentativas de representação social, tomando-se como referência a idéia de que a narrativa utiliza como matéria-prima as relações e inter-relações entre as sociabilidades, foi possível compreender como o jornalismo e a literatura tornam-se as duas principais áreas de relação com a realidade concreta. Com a finalização do livro-reportagem notou-se que de fato as duas áreas de conhecimento não necessitam ser contrapostas e que, quando unidas, o



diálogo entre aspectos literários e jornalísticos são capazes de elevar a qualidade narrativa de textos informativos.

A rápida difusão com que as notícias percorrem no globo – agora com suas economias cada vez mais desprovidas de fronteiras –, alteraram o cenário mundial, principalmente no que diz respeito à emissão e à recepção de informações. O modo de narrar jornalístico sofreu modificações, assim passou a se valer de produções pré-fabricadas e distribuídas sob o ritmo da padronização e da fragmentação. Nesse processo, o jornalista-narrador minimiza suas características qualificadoras. Uma das principais perdas decorrentes dessa mudança ocorre durante a etapa do registro e, conseqüentemente, influencia as etapas seguintes. A atuação do repórter durante a captação do registro se compromete e se submete inteiramente aos ritmos e tempos escassos, característicos do processo de produção pós-moderno. O jornalista passa a trabalhar não mais como um mediador ou agente social inteligente, mas sim como um agente de mera reprodução de fatos inteligíveis. Sua arma triunfante, a visibilidade, é utilizada apenas para alimentar o ciclo divulgação-saturação-esgotamento.

Para a execução do livro-reportagem *Capibaribe – Mesmo Rio: Outra Gente* valorizou-se a atuação do repórter. As discussões citadas prepararam o olhar do viajante para a realização da pesquisa etnográfica. Uma vez entendido o contexto tecnológico no qual se insere a prática jornalística atual, buscou-se o resgate do jornalismo que “suja os sapatos” em detrimento ao conceito do narrador pós-moderno – privilegiando o testemunho, a apuração *in loco*, capazes de conferir credibilidade e riqueza à narrativa desenvolvida.

Dessa forma, o estudo sobre as narrativas de viagem colaborou na elucidação dos métodos, aplicados integralmente em *Capibaribe – Mesmo Rio: Outra Gente*, como o detalhamento minucioso, a riqueza ilustrativa durante a composição das paisagens e a autenticidade dos discursos extraídos, apresentados sob as técnicas jornalístico-literárias que permitem a exposição do olhar do observador, já que a apuração e a captação foram realizadas *in loco*.

Para o livro-reportagem realizado, a estética da recepção elucidou três características distintas do processo de produção: a recepção em textos ficcionais, levando em consideração a obra inspiradora – *Morte e Vida Severina*; a recepção frente ao processo de produção de uma narrativa jornalística, em que o produto final se materializa em um livro-reportagem; e, por fim, a recepção acerca da narrativa dos Severinos inquiridos – sendo que, esta última, pressupõe ainda uma quarta forma de recepção; o modo com que os narradores observadores interpretaram e interagiram com as histórias contadas.



Constatou-se, portanto, a viabilidade de *Morte e Vida Severina* inspirar uma narrativa jornalística contemporânea. A partir da história fictícia de João Cabral de Melo Neto pôde-se contruir a narrativa de *Capibaribe – Mesmo rio: outra gente* e, com ele inspirar novos olhares para o Nordeste do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, S., EWALD, A. P., CAVALCANTE, F. G. **A trajetória de Severino: Migração e Pobreza no Brasil.** Disponível em <http://www.fw.uri.br>. Acesso em 24 de setembro de 2008.

BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política.** Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GONTIJO, M. M. **Contribuições à construção de uma perspectiva híbrida para o jornalismo contemporâneo.** Belo Horizonte: 2002. Disponível em www.intercom.org.br. Acesso em 30 de setembro de 2008.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, L. C. **Terra Ignota a Construção de os Sertões.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1997.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina: auto de Natal Pernambucano.** São Paulo: Publifolha, 2007.

PEIXOTO, M. **Poesia com coisas.** São Paulo: Perspectiva, 1983.

PORTELLA, E. **João Cabral de Melo Neto: poesia e estilo.** In: Dimensões I. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958

RESENDE, F. A. **O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista.** Niterói: [s.n.], 2005. Disponível em <http://www.compos.org.br>

SETTE, M. **Terra Pernambucana.** Pernambuco: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega. 1993

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989. |